

Dando continuidade aos Encontros que a ACDR de Freixo de Numão e o Parque Arqueológico do Vale do Côa têm vindo a organizar no âmbito do património arqueológico e sua valoriação, em 2007 realizou-se o Fórum Valorização e Promoção do Património Regional. O Fórum decorreu nos dias 28, 29 e 30 de Junho nos concelhos de Figueira de Castelo Rodrigo, Meda, Pinhel e Vila Nova de Foz Côa, integrando quatro sessões coordenadas por diversos investigadores:

Sessões 1 e 2

Duas linhas de investigação regional: estudos cerâmicos e estudos judaicos:

sessão 1. Estudos cerâmicos

Figueira de Castelo Rodrigo, 28 de Junho (manhã)

sessão 2. Estudos judaicos

Pinhel, 28 de Junho (tarde)

Sessão 3

Panorama da investigação regional

Vila Nova de Foz Côa, 29 de Junho

Sessão 4

Arqueologia Experimental

Meda, 30 de Junho

Decorreu uma mesa-redonda no Museu D. Diogo de Sousa em Braga, ainda no âmbito deste Fórum, dedicada ao tema *Sítios Arqueológicos e Visitantes*.

As Câmaras Municipais de Figueira de Castelo Rodrigo, Meda, Pinhel e Vila Nova de Foz Côa apoiaram o Fórum e viabilizaram a edição destas actas. Deixamos expresso o nosso reconhecimento, em nome da organização e de todos os investigadores que tiveram a oportunidade de nele participar.

A realização regular destes Encontros e a publicação atempada das suas actas, contribuem seguramente para que a investigação se mantenha dinâmica nesta região. Todos continuaremos a colaborar, entidades e investigadores, para que os conhecimentos sobre o património se aprofundem e a sua valorização se torne uma realidade cada dia mais presente.

A Organização do Congresso

ACDR PAVC

entidades organizadoras do congresso:



edição das actas:



entidades financiadoras da edição:



Fórum Valorização e Promoção do Património Regional

actas das sessões

volume 1

Cerâmicas no Quotidiano
Estudos sobre Cerâmicas Arqueológicas e Etnográficas

volume 2

Investigar e Valorizar o Património
Estudos Judaicos
Sítios Arqueológicos e Visitantes

volume 3

Do Paleolítico à Contemporaneidade
Estudos sobre a História da Ocupação humana em Trás os Montes,
Alto Douro e Beira Interior

volume 4

Arqueologia Experimental
Recriações do passado em ritmos do nosso tempo

Este volume integra textos relativos à sessão que decorreu em Vila Nova de Foz Côa no dia 29 de Junho de 2007. É um reflexo da qualidade e diversidade da investigação que se vai fazendo por todo o Vale do Côa, abarcando um espectro temporal que vai do Paleolítico superior até à Contemporaneidade. A presença de artigos que abordam temas provenientes de outra regiões é um sinal da credibilidade que estas reuniões e respectivas actas vão, paulatinamente, adquirindo.

entidades organizadoras do congresso:



edição das actas:



entidades financiadoras da edição:



Do Paleolítico à Contemporaneidade

Estudos sobre a História da Ocupação humana em Trás os Montes,
Alto Douro e Beira Interior

volume 3



Fórum Valorização e Promoção do Património Regional
actas das sessões

Do Paleolítico à Contemporaneidade

Estudos sobre a História da Ocupação humana em Trás os Montes,
Alto Douro e Beira Interior

volume 3

Índice

4	prefácio
6	introdução
8	acta 01 O Vale do Côa, o Homem que o criou e o Outro que ainda o vive André Tomás Santos
16	acta 02 Aspectos da Arte Magdalenense e Tardi-Glacial no Vale do Côa António Martinho Baptista
32	acta 03 Temporalidades e espacialidades do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, V.N. de Foz Côa) Ana Margarida Vale, Sérgio Gomes, Bárbara Carvalho, João Muralha Cardoso, Leonor Sousa Pereira, Gonçalo Leite Velho e Vítor Oliveira Jorge
42	acta 04 As gravuras rupestres do concelho de Macedo de Cavaleiros Sofia Soares de Figueiredo
62	acta 05 Duas peças decoradas “castrejas” do Alto do Castelo (Salto, Montalegre) João Mário Martins da Fonte
80	acta 06 Intervenção arqueológica no perímetro urbano de <i>Aqua Flaviae</i> . Algumas considerações. Pedro Sobral de Carvalho e Rui Filipe Mendes Barbosa
98	acta 07 O casal romano do Relengo (Barragem do Sabugal). Elementos para o estudo do povoamento romano e tardo-romano no Vale do Côa. Marcos Osório, Ricardo Costeira da Silva, Dário Neves e Paulo Pernadas
116	acta 08 APDARC: um ano de diálogos Mafalda Nicolau de Almeida

ficha técnica

Editor

Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão

Título

Actas do Forum Valorização e Promoção do Património Regional

Coordenação do Congresso

Alexandra Cerveira Lima, António Martinho Baptista, António do Nascimento Sá Coixão, Miguel Rodrigues

Coordenação Editorial das Actas

Alexandra Cerveira Lima, António Martinho Baptista, António do Nascimento Sá Coixão, Luís Luís, Miguel Rodrigues

Coordenação Científica da Sessão

António Martinho Baptista, António Sá Coixão, Francisco Sande Lemos

Coordenação da Publicação

André Tomás Santos, Luís Luís

Autores

André Tomás Santos, António Martinho Baptista, Ana Margarida Vale, Sérgio Gomes, Bárbara Carvalho, João Muralha, Leonor Sousa Pereira, Gonçalo Leite Velho, Vítor Oliveira Jorge, Sofia Soares de Figueiredo, João Mário Martins da Fonte, Pedro Sobral de Carvalho, Rui Filipe Mendes Barbosa, Marcos Osório, Ricardo Costeira da Silva, Dário Neves, Paulo Pernadas, Mafalda Nicolau de Almeida

Revisão de Textos

André Tomás Santos e Luís Luís. Ana Vale (texto de que é co-autora).

Design

Gina Ferreira

Pré-Impressão, Impressão e Acabamentos

?????

1ª Edição, 2008. Porto

ISBN: 978-972-99799-4-1

Depósito Legal

????

Tiragem

1000 Exemplares

Aspectos da Arte Magdalenense e Tardi-Glacial no Vale do Côa

António Martinho Baptista

(Parque Arqueológico do Vale do Côa, ambaptista1950@sapo.pt)

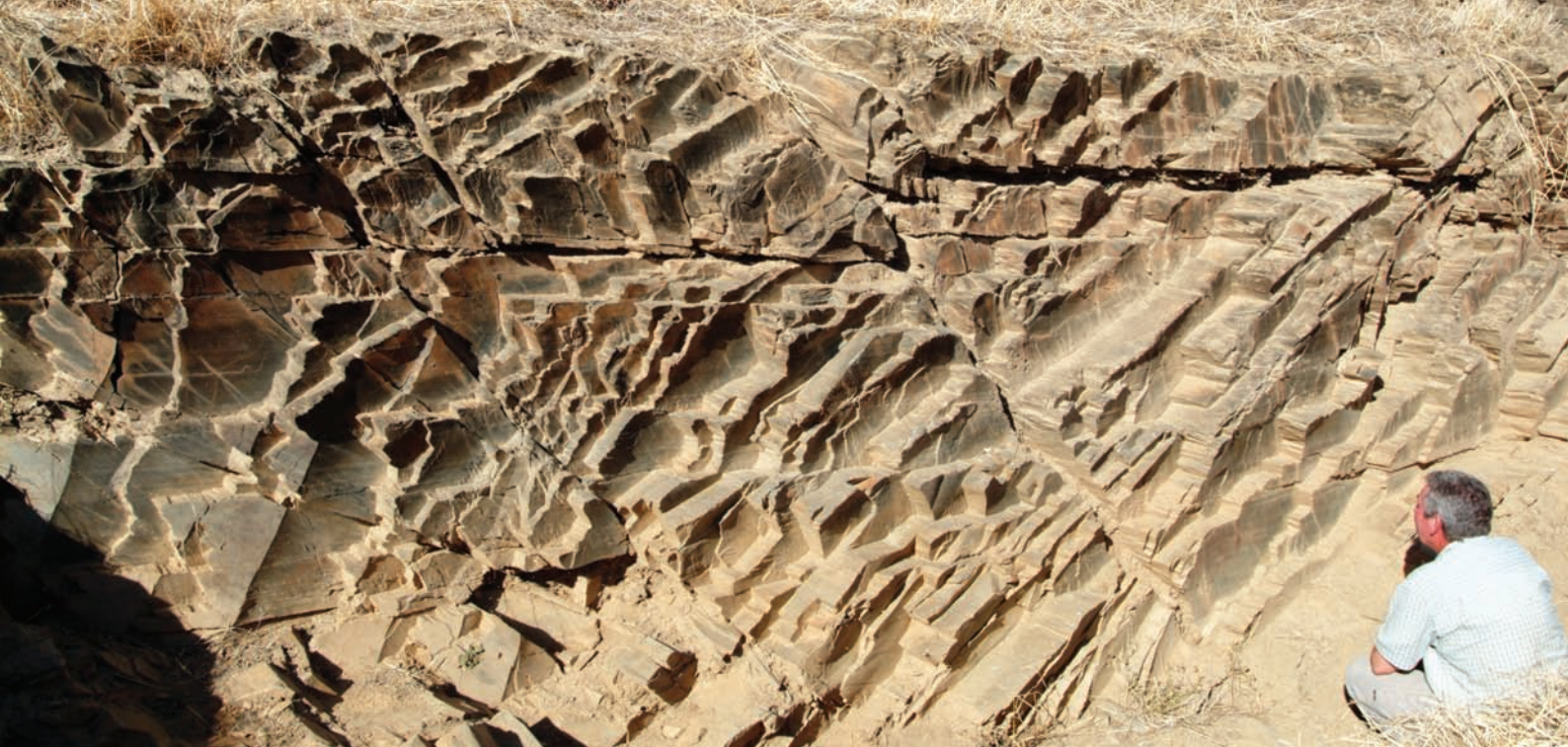


fig. 1 Perspectiva da rocha 24 da foz da Ribeira de Piscos. Repare-se na disposição dos seus inúmeros painéis recortados em diferentes planos, orientados perpendicularmente relativamente ao curso do rio e não frontalmente, como é mais comum na generalidade das rochas historiadas da Arte do Côa. A numeração dos 32 painéis gravados está orientada da esquerda para a direita.

Introdução

Esta nota pretende-se uma reflexão breve a partir da análise de duas rochas profusamente incisas no contexto da arte magdalenense e tardi-glaciária do Vale do Côa. São elas a Rocha 24 da foz da Ribeira de Piscos e a 16 do Vale de José Esteves.

Conhecidas hoje com algum rigor (evidentemente com o rigor possível que as barragens do Douro permitem!), quer a área de expansão do ciclo paleolítico do Baixo Côa/Alto Douro, quer as gramáticas figurativas, as técnicas e estilos das suas duas fases evolutivas fundamentais, à medida que os levantamentos vão avançando é possível ir sistematizando melhor as cronologias relativas do tempo longo. É o que hoje iremos apresentar a partir de duas rochas que consideramos das mais marcantes para a compreensão cronológico-estilística dos períodos magdalenense e tardi-glaciária, que assinalam o final dos tempos paleolíticos no Côa.

As rochas 24 da foz da Ribeira de Piscos e a 16 do Vale de José Esteves são conhecidas já há vários anos, mas o seu minucioso e difícil levantamento tem sido conduzido a espaços desde 2001. Só a rocha decorada de José Esteves está por agora terminada. A rocha da foz de Piscos, muito complexa, não tem o seu levantamento ainda terminado, embora seja já conhecida grande parte da sua admirável e original panóplia figurativa. Este trabalho foi conduzido nos últimos anos pela equipa do então Centro Nacional de Arte Rupestre (abrupta e injustificadamente extinto em Abril de 2007 no âmbito do PRACE) e continuado pela mesma equipa, entretanto integrada no Parque Arqueológico do Vale do Côa.

Síntese da evolução paleolítica da Arte do Côa. Elementos para a sua compreensão

O ciclo paleolítico do Côa começa há ± 25.000 anos. Gravam-se (e pintam-se eventualmente) em especial os grandes paredões de xisto ladeando as antigas praias do curso terminal do Baixo Côa.

Os motivos da fase antiga são gravados por picotagens profundas, com traços por vezes polidos e sempre muito vincados. Este polimento, criando gravuras de belo efeito gráfico, pode processar-se na totalidade das linhas do motivo, ou, preferencialmente, apenas na sua região anterior, a chamada parte nobre do animal. Um bom exemplo deste tipo conjugado de técnicas é a rocha 11 da Canada do Inferno e o seu bem equilibrado conjunto de auroques (esta rocha, infelizmente submersa, será apresentada em réplica no futuro museu do Vale do Côa).

São raras as incisões, a espaços utilizadas como esboços das gravuras que serão em seguida picotadas profundamente. Isto faz com que as gravuras do período mais antigo sejam as que hoje melhor se podem observar em especial pelos visitantes não iniciados do Parque Arqueológico.



fig. 2 Painel 2 da rocha 24. Figura (feminina?) incisa.

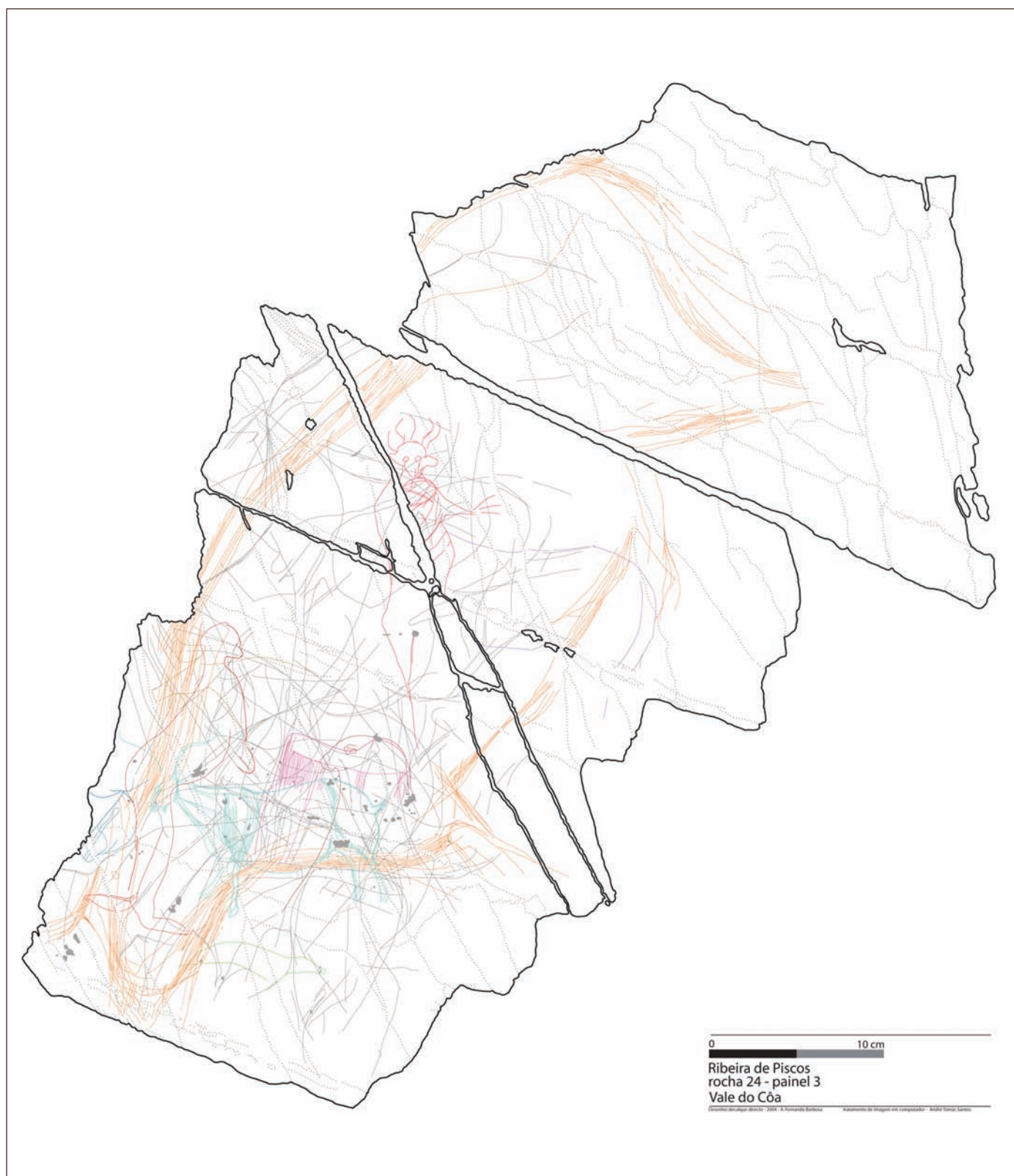


fig. 3 Painel 3 da rocha 24. Complexo conjunto de gravuras incisas, todas inscritas no interior de um auroque virado para a esquerda e que ocupa praticamente todo o espaço operativo da rocha. Aqui destacam-se três representações de carácter humano ou humanóide, duas delas seres compósitos com cabeças zoomórficas figuradas de perfil. O humano na parte superior do painel é figurado em visão frontal, como o da figura anterior. Também ele tem uma cabeça com pormenores intencionalmente zoomórficos. Destaque-se ainda o magnífico bode (a verde), finamente inciso, com uma riqueza de pormenores pouco usual no Côa, mas típico da arte magdalenense: dois pares de pernas e patas bem perspectivados, cauda elaborada, uma esbelta cabeça com dois cornos em perspectiva torcida frontal e simulação de pelagem em traço múltiplo subvertical. Na base do painel (figurado a verde), está o que poderá ser considerado uma rara representação de lontra.



fig. 4 Pormenor do humanóide da painel 3 figurado em visão frontal. Repare-se nas orelhas simiescas e nas linhas curvas que lhe saem da cabeça.

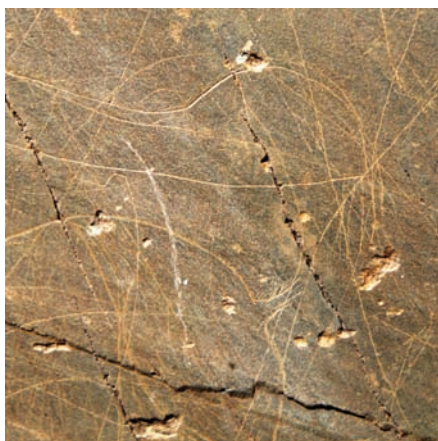


fig. 5 Pormenor no painel 3, do ser compósito humanóide com cabeça de felino (à direita no desenho da fig. 03), figurado de perfil.



fig. 6 Painel 4 da rocha 24. Par inciso de humanóides (seres compósitos) do tipo “fantasma”.

Nas zonas das antigas praias fluviais, são escolhidos os painéis verticais de xisto, preferencialmente, mas não exclusivamente, junto ao curso de água. Em alguns casos o espaço operativo privilegiado é o sector superior e mais alteado do painel (Rochas 1 da Canada do Inferno e 6 da Penascosa, entre as mais conhecidas). Há uma intencional sobreposição dos motivos, criando por vezes verdadeiros palimpsestos que tornam difícil a sua descodificação. É o caso das rochas 1 da Quinta da Barca e 1 do Fariseu, entre os exemplos extremos. Mas é o que se observa também nas rochas 1 da Canada do Inferno e 3 da Penascosa entre as mais conhecidas do Vale do Côa.

Estas sobreposições intencionais configuram uma acumulação estruturada em dispositivo ilusório. Quer isto dizer que, durante a fase antiga, os espaços operativos previamente escolhidos são (em alguns casos) densamente carregados de motivos, sempre com os mesmos tipos de animais (99% destes animais são as quatro grandes espécies de herbívoros que dominam a Arte do Côa: equídeos, bovídeos, capríneos e cervídeos, estes mais abundantes no último período) que se vão sobrepondo, reaproveitando-se até traços de animais anteriormente gravados. O sentido cénico (o ordenamento estruturado) é dado pela própria acumulação de motivos. Os sinais estão aqui praticamente ausentes, bem como as representações antropomórficas, que só surgem incisas no Magdalenense. A distribuição das gravuras (e pinturas) desta fase antiga está confinada à região envolvente das últimas quatro praias “fósseis” do Baixo Côa, sítios onde o rio alarga, como na Penascosa/Quinta da Barca ou, ainda que mais ou menos encaixado, se espalha na foz dos seus tributários como em Piscos/Fariseu e no grande sítio da Canada do Inferno/Foz do Rêgo da Vide. O sítio da Faia, muito a montante e o único em ambiente granítico, é o mais afastado com figurações deste período e o único que conserva restos de pinturas paleolíticas que se conservaram devido às suas especiais condições de jazida. Isto tem-nos levado a defender que muitas outras gravuras paleolíticas do Côa poderiam também ter sido pintadas, mas cujos pigmentos terão desaparecido devido aos agentes erosivos. Seria este o caso, por exemplo, dos grandes auroques em picotado profundo e quase em tamanho natural, da rocha 13 junto à foz da Ribeira de Piscos ?

A atribuição a uma fase antiga deste tipo de motivos/sítios, para além dos aspectos próprios da estilística comparada, foi claramente comprovada a partir dos elementos arqueológicos fornecidos pelas escavações contextuais levadas a cabo pela equipa de Thierry Aubry, quer da área de planalto (Olgas), quer muito especialmente do sítio do Fariseu. Aqui, nomeadamente no corte 1 (sondagens de 1999 e 2005), um painel profusamente decorado com 96 gravuras todas da fase antiga, estava parcialmente coberto por uma significativa camada de depósitos com indústrias arqueológicas atribuíveis a diversos períodos do final do Paleolítico. Entre os seus materiais recolhidos está igualmente a maior e melhor colecção de placas com arte móvel magdalenense do Côa (e de Portugal), um aspecto vital para a compreensão cronológica de muitas das gravuras do período magdalenense e tardi-glaciar do Côa. As diversas datações TL do Fariseu confirmam a frequência paleolítica do sítio entre 18.400 e 11.000 BP, com um referencial *ante quem* mínimo de c. 15.000 BP para a realização das gravuras que recamam a rocha 1 do Fariseu (Aubry e Sampaio, 2008: 7). E estas são, na sua generalidade e estilisticamente, todas do mesmo período de execução. Na ausência de melhores evidências arqueológicas consideramos este primeiro período da Arte do Côa como Gravetto-Solutrense.

Gradualmente as picotagens profundas são abandonadas e impõe-se a técnica da incisão, com traços finos simples ou múltiplos. Esta técnica torna-se quase que a exclusiva do período magdalenense e tardi-glaciar. Os painéis com motivos densamente sobrepostos são também abandonados.

Da mesma maneira, neste segundo grande período, o “santuário” paleolítico desloca-se mais para a região junto à Foz do Côa. Claro que há gravuras deste período nas zonas a montante, como na Penascosa, nomeadamente a excelente rocha 10, na Quinta da Barca (a rocha 23 é o melhor exemplo), na Ribeira de Piscos (quase toda incisa) e até no Fariseu (a excelente rocha 8 é um bom exemplo) e Canada do Inferno (rocha 14, entre outros exemplos). Mas é na Foz do Côa e nos vales adjacentes, alguns já orientados ao Douro, que se distribuem a maior parte das rochas conhecidas com gravuras incisas (Baptista e Reis: 2008, Baptista e Reis, no prelo). E onde, curiosamente, estão praticamente ausentes as gravuras picotadas com traço profundo da fase antiga (menos de 1% dos motivos conhecidos).



fig. 7 Painel 5 da rocha 24. No sector à direita, uma estranha representação humanóide como que expela um auroque pela boca.

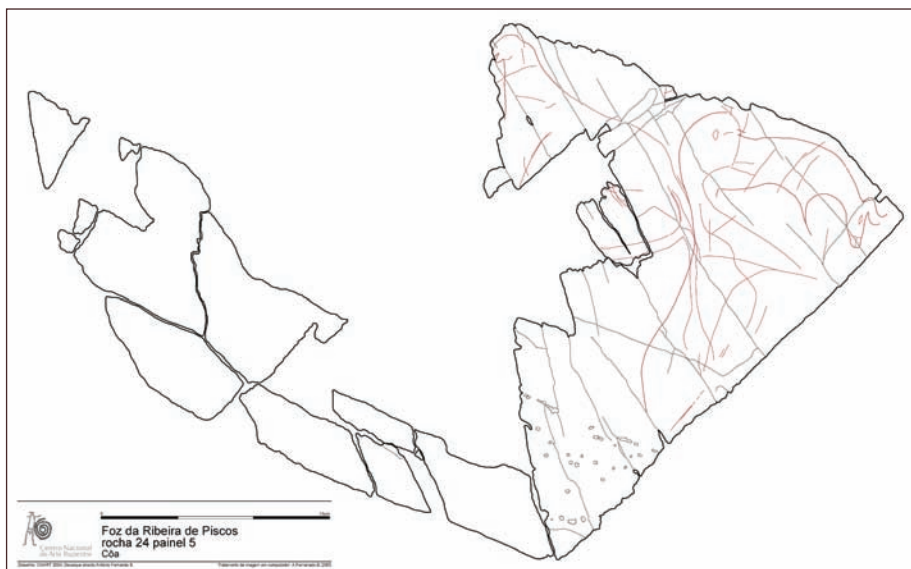


fig. 8 Pormenor da figura anterior acentuada digitalmente.

Por outro lado, a distribuição das gravuras incisas no espaço operativo dos painéis é mais irregular e menos densa. Há painéis com apenas um motivo e tornam-se mais raras as sobreposições que não parecem obedecer já a um programa como o que determinou a anterior acumulação estruturada em dispositivo ilusório. Os painéis historiados, muitos deles de pequenas dimensões (como as próprias gravuras), galgam agora as encostas também dos pequenos vales adjacentes e distribuem-se às vezes por pequenos recantos e zonas de mais difícil acesso. Esta fase é, por tudo isso, um momento em que a arte é aparentemente menos pública do que na fase anterior. O que se deve também à sua menor monumentalidade.

A própria estilística zoomórfica deste período é caracterizada por um menor formalismo naturalista e uma maior criatividade. A estética zoomórfica paleolítica é verdade que há muito tinha decomposto a “maneira” de gravar os animais, mas tornara-os muito estereotipados, como é patente na fase antiga. Agora, os corpos dos animais, particularmente dos cervídeos, gravados em maior abundância neste período, ganham novas volumetrias, tornam-se por vezes quase quadrados e mesmo silhuetados. Há uma espécie de expressionismo das formas, que agora surgem também mais acompanhadas pela carga simbólica de alguns sinais. O melhor exemplo desta evolução pode ver-se precisamente nas duas rochas que agora passarei a apresentar muito sumariamente.

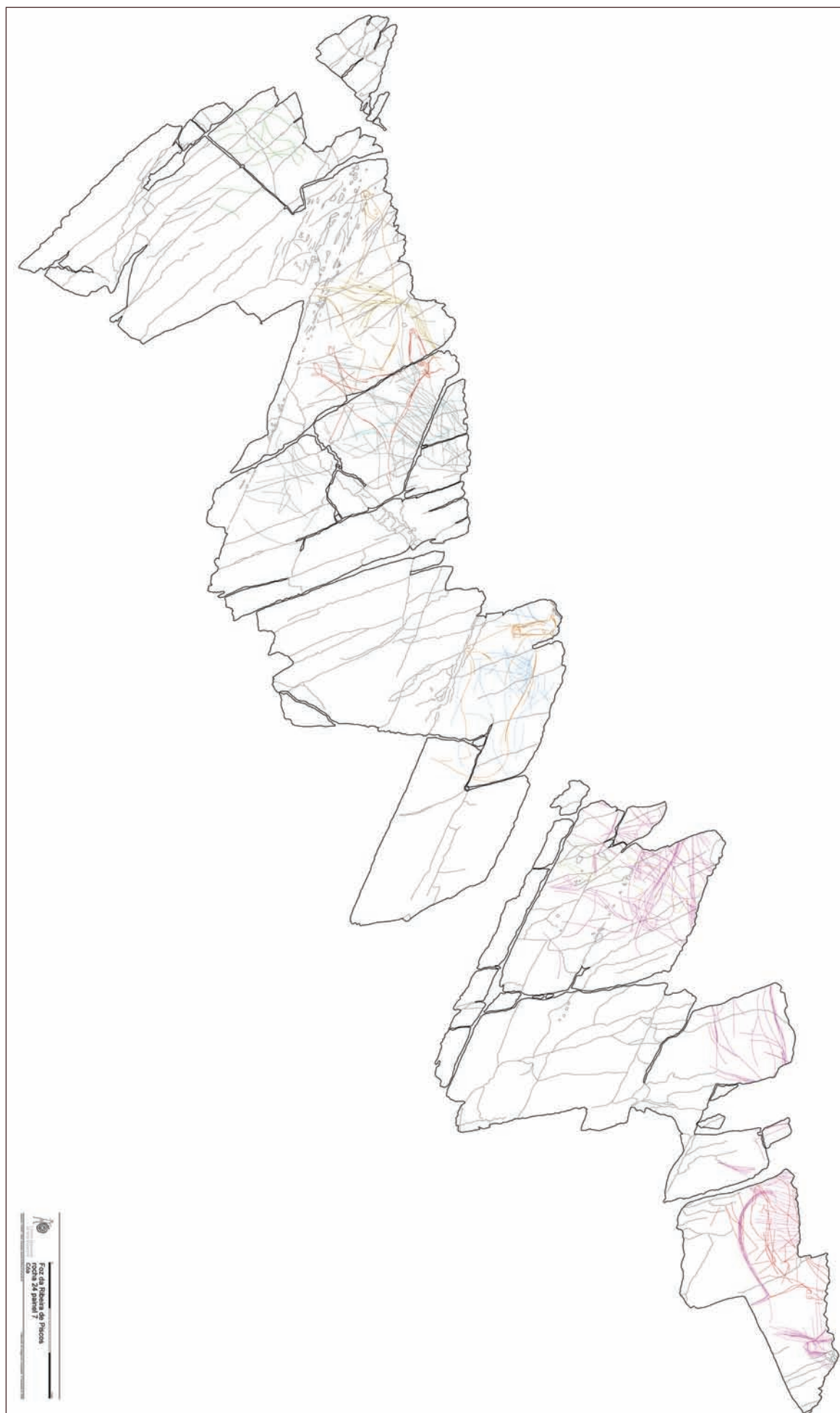




fig. 9 (pág. anterior) Painel 7 da rocha 24. De destacar neste painel muito fragmentado os dois auroques da direita com as cabeças figuradas em visão frontal. E entre os dois, mais um estranho ser compósito, com um corpo com características humanas e cabeça de felino (chacal ?).

fig. 10 Pormenor da cabeça e parte do corpo do ser compósito do desenho da figura anterior.

As rochas 24 da Ribeira de Piscos e 16 de Vale de José Esteves

Face ao exposto, uma análise rápida aos notáveis painéis destas duas rochas permite desde logo a sua inserção dentro do período magdalenense e Tardi-Glaciário do Vale do Côa.

Apenas a rocha 24 tem num dos painéis superiores uma gravura picotada em traço profundo, estilisticamente típica da fase antiga. E curiosamente está num dos painéis de topo desta estranha rocha, como é também típico da fase arcaica, uma arte mais topográfica e monumental do que a do período magdalenense.

Mas qualquer destas rochas tem particularismos que as tornam verdadeiramente notáveis no contexto da arte magdalenense e tardi-glaciária.

A rocha 24 é um afloramento sito na margem esquerda do Côa, junto ao final da confluência da Ribeira de Piscos com o Côa. Ao invés de ter uma superfície lisa e direita como a generalidade dos painéis historiados do Côa, as partes afloradas da rocha recortam-se numa infinidade de pequenos painéis, 32 dos quais estão decorados com diversos tipos de incisões (só 1 é picotado).

Aqui se guarda a melhor colecção de representações antropomórficas paleolíticas do Côa, o que tornaria por si só esta rocha absolutamente excepcional, pois contamos até ao presente 16 figurações deste tipo. Até agora apenas se conhecia o clássico ictifálico da rocha 2 de Piscos e um outro mais esboçado (humanóide) da Rocha 8 do Fariseu. E um eventual e duvidoso humanóide numa das placas com arte móvel do Fariseu. A estes há agora que acrescentar os 16 distribuídos pelos diversos painéis desta rocha 24.

Todos eles são estranhas representações, alguns com claro carácter antropomórfico, outros menos evidentes (humanóides e/ou seres compósitos, segundo a classificação de Pales e Tassin de Saint-Péreuse, 1976) e que só no contexto desta rocha assim poderão ser classificados.

Um dos aspectos mais curiosos destas representações antropomórficas e humanóides, são as formas estranhas de algumas das cabeças onde se misturam aspectos humanos e zoomórficos (seres compósitos). O que é aliás apanágio de alguns dos conhecidos humanóides paleolíticos da Europa ocidental [por ex. numa gravura sobre osso de Isturitz (MAN 84772), ou o bem conhecido híbrido “Deus” cornudo de Trois-Frères]. Outros são figurados vistos de face, com os olhos assinalados por dois pequenos círculos, como na provável figura feminina de Laugerie-Basse. Todos mantêm o aspecto estranho dos humanos paleolíticos, contrastando com o maior naturalismo convencional da estética zoomórfica. Sabe-se que o homem paleolítico não gostava de se retratar e estas estranhas representações da foz de Piscos provam isso mesmo, contrastando embora com o humano da rocha 2, que lhe está próximo. E este é outro aspecto que merece destaque: todos os humanos paleolíticos conhecidos na Arte do Côa estão concentrados junto à foz de Piscos, sendo o da rocha 8 do Fariseu o mais afastado.

Quanto ao sexo destas representações, ele não é muito claro, pondo-se a hipótese da representação do painel 2 ser uma figura feminina pelo tipo de vestimenta que ostenta. Mas apenas por isso, já que a figura é intencionalmente ambígua, parecendo figurar uma personagem envelhecida. Nela, também como noutras representações de humanos do Côa, há uma série de linhas que lhes rodeiam e saem da cabeça e que não aparentam representar cabelos, antes uma qualquer presença imaterial. Este aspecto está presente quer na figura do painel 2, quer no humano visto de face do painel 3, quer no ictifálico da rocha 2 de Piscos, sendo assim uma característica de estilo que se deverá reter no antropomorfismo pleistocénico do Côa.

Um outro aspecto que merece destaque nesta rocha é a presença de três auroques com as cabeças figuradas em visão frontal, uma característica rara na estética paleolítica. Também no Côa esta forma de representação das cabeças animais é pouco comum. Mas ainda assim, para além destes três originais auroques, há exemplos de representações de animais em visão frontal ou com as cabeças semitorcidas, na rocha 3 da Penascosa (a notável cabra com os cornos e cabeça em V e olhos acentrados como que à maneira picassiana!), dois auroques na rocha 1 da Quinta da Barca e uma outra cabra na rocha 8 da Penascosa. Outros exemplos haverá no Côa, mas é claramente um tipo de representação pouco comum, conhecido já na fase antiga, como o demonstram estes exemplos citados. Nos exemplares da rocha 24, a sua atribuição cronológica deverá ser posterior, devendo pertencer (da mesma maneira que os humanos e humanóides) a um estágio indeterminado do Magdalenense (alguns humanos do mesmo tipo dos do Côa são normalmente atribuíveis ao Magdalenense médio).

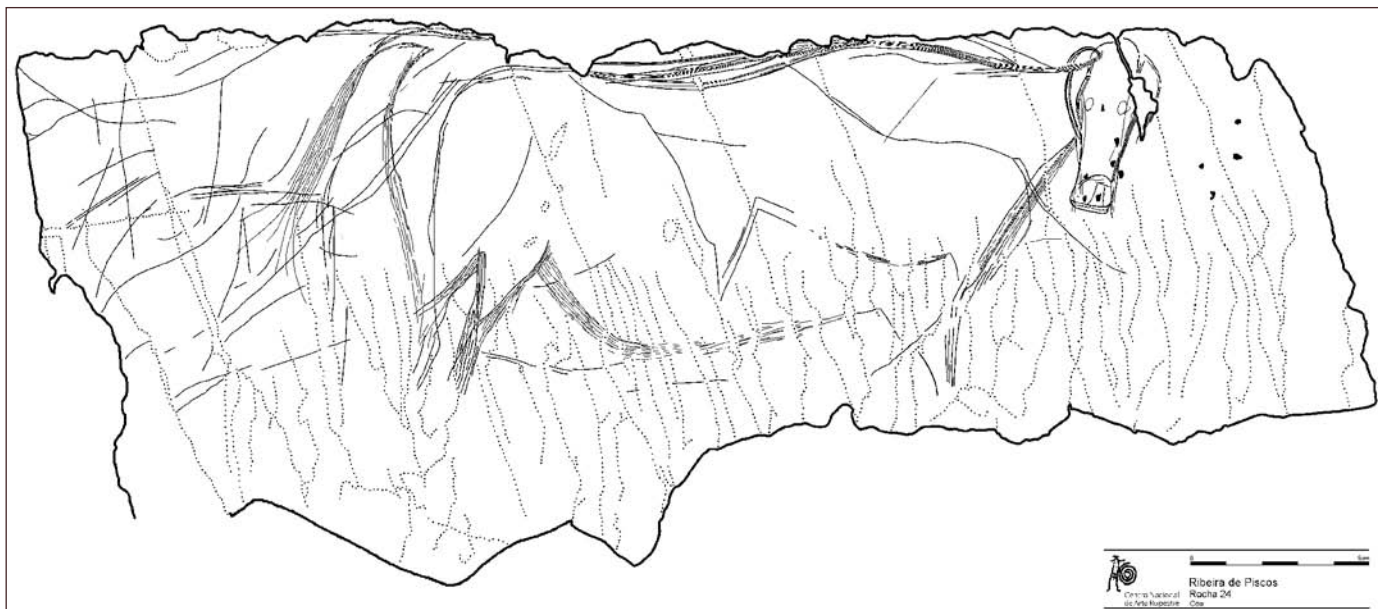


fig. 11 Painel 11 da rocha 24. Magnífico auroque com a cabeça figurada em visão frontal. Contorno em traço múltiplo rebaixado.

Muitos outros aspectos haveria a destacar neste significativo lote de painéis da rocha 24: um auroque com uma dupla cauda em movimento animado; um humanóide como que expelindo um auroque pela boca (!), um apetecível exemplo para insuspeitas teses xamânicas; o adoçamento de algumas figuras aos condicionalismos dos suportes; a notável e realista cabra, em estilo “muito magdalenense” (um dos melhores exemplares no Côa deste período) com estranhos seres compósitos do painel 3... a exigir, no entanto, um estudo muito mais aprofundado.

A Rocha 16 do Vale de José Esteves é um dos mais notáveis painéis com arte magdalenense e tardi-glaciária do Vale do Côa. Sendo bastante bem representativa da arte dos tempos finais do Paleolítico, foi por isso seleccionada para figurar em réplica no futuro Museu do Côa. O sítio poderá também ser objecto de abertura ao público num futuro próximo.

Todas as gravuras desta rocha são incisas, na sua maioria com traço múltiplo. Destaca-se a cena central do painel central, com um grupo de cervídeos (*Cervus elaphus*) de traço múltiplo. Esta cena, realizada pela mesma mão, pode interpretar-se de duas formas: poderemos estar perante uma família de cervídeos com um juvenil ao centro da composição (é o único que não tem os joanetes destacados), enquadrado pela fêmea na dianteira e o macho possante a fechar o grupo; ou apenas e tão só um macho perseguindo duas fêmeas. E nestas é curioso assinalar os traços de linhas paralelas e divergentes que lhes saem da boca (representação imaterial do cio?). A forma dos corpos pesados, quase quadrangulares, as pernas afiladas, os pescoços longos, são muito característicos da arte magdalenense do Côa, com bons paralelos em muita arte móvel.

Por outro lado, a rede laboriosamente tecida do traçado múltiplo do interior do corpo dos animais justifica alguma reflexão, pois é um importante elemento de estilo no contexto da Arte do Côa. Com efeito, o minucioso levantamento em desenho (por decalque directo) de Fernando Barbosa, permitiu identificar alguns padrões recorrentes no aparentemente caótico conjunto de traços convergentes e divergentes. O artista joga com sequências de linhas paralelas que acompanham o alongamento do corpo dos cervídeos no sentido perpendicular e traçadas da direita para a esquerda, destas saindo outras sequências de menores dimensões e mais subverticais, formando no seu conjunto como que um escamamento. Há pois um claro programa no sistema de gravação do traçado múltiplo. Este padrão morfo-estilístico pôde reconhecer-se em algumas das técnicas de execução de pelo menos dois dos notáveis sinais desta mesma rocha (no painel central do sector direito, o sinal quase circular figurado a verde e o oblongo figurado a castanho, por cima da cabra, junto à base do painel), que é, quase toda ela, da mesma fase de execução. Esta característica de autoria só é possível de compreender após longas sessões de trabalho e é, por isso mesmo, um aspecto que merece ser destacado.

Esta mesma técnica é perceptível no traçado múltiplo dos dois juvenis de cervídeo sobrepostos figurados numa das últimas placas encontradas nas escavações do Fariseu e ainda não publicada.



fig. 12 Pormenor da cabeça e parte do corpo do auroque da figura anterior.



fig. 13 Outro dos auroques da rocha 24 figurado com a cabeça em visão frontal. Pormenor da parte anterior.



fig. 14 Um dos mais impressionantes painéis da rocha 24 da foz da Ribeira de Piscos com um excelente lote de auroques.



fig. 15 Pormenor de um par de auroques do painel anterior. Note-se a tentativa de perspectivar as figuras entre si.

Por outro lado, os paralelos estilísticos, mas também tecno-morfológicos, com algumas das placas com arte móvel da camada 4 do Fariseu levam-nos a considerar ser a quase totalidade das gravuras deste painel atribuíveis aos momentos finais do Paleolítico superior, na transição já do tardi-glacial para o Holoceno. De destacar, por exemplo, o paralelismo entre o animal figurado na placa nº 44 com uma dorsal de traço duplo preenchido interiormente com pequenas linhas subverticais paralelas, como numa das cabras desta rocha. Esta e outras placas estão presentes em toda a espessura da camada 4 (Aubry e Sampaio, 2008: 16) e estão relativamente bem datadas.

Outro aspecto importantíssimo presente nesta rocha é o excelente e bem preservado lote de “sinais” de carácter abstracto-simbólico a apontar já para algumas tipologias dos padrões ritmados da arte azilense, nomeadamente da arte linear-geométrica pré-neolítica. A sinalética deste tipo é muito rara no Côa e esta rocha é o melhor exemplo conhecido num único painel de uma tão profusa colecção de “sinais”. Que curiosamente aqui se distribuem pelas partes superiores dos painéis. E que, com um ordenamento muito próprio (que explicaremos melhor em texto mais desenvolvido) vão muito para além da sua mera classificação como escalariformes, ou tectiformes, ou escutiformes, ou de tipo “feminino” por serem mais ou menos triangulares e “peludos”, mas anunciam já os alvares da arte esquemática que será dominante nos milénios seguintes. Neste caso podem mesmo paralelizar-se com o quase desconhecido linear-geométrico presente, por exemplo, nas placas de La Cocina, uma arte (ou grafismo) pré-neolítica(o) quase desconhecida mas presente na imagética da transição pós-glacial peninsular.

Repare-se também em alguns dos animais desta rocha, já perfeitamente desconstruídos à maneira do azilense antigo, um deles sem cabeça e de pescoço afilado (como um dos que publicámos da Ribeira de Moinhos). É um estilo de transição que eventualmente representará a arte do final do Magdalenense e a transição para o azilense ibérico (Epipaleolítico).

Na base deste painel, duas figurações de canídeos da Idade do Ferro sobrepõem-se ao cervídeo fêmea dianteiro. Estão figurados a vermelho no desenho agora publicado. É outro aspecto interessante a presença de muitas figuras da IIª Idade do Ferro sobrepostas a alguma iconografia particularmente do período tardi-glacial, quer na Foz do Côa, quer na sua área envolvente (Vermelhosa, Vale de José Esteves, Vale de Cabrões, etc.). Todo um trabalho que está ainda por fazer e que hoje é já bem intuído graças ao minucioso labor de prospecção que aqui foi sendo realizado por Mário Reis. É todo um outro ciclo rupestre ainda em grande parte por conhecer...

Bibliografia citada

- AUBRY, T. e SAMPAIO, J. (2008): Fariseu: cronologia e interpretação funcional do sítio. In *Actas do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior* (2006). Vol. 1. Porto: ACDR de Freixo de Numão, p. 7-30.
- BAPTISTA, A. M. e REIS, M. (2008): Prospecção da arte rupestre na Foz do Côa: Da iconografia do Paleolítico superior à do nosso tempo, com passagem pela IIª Idade do Ferro. In *Actas do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior* (2006), Vol. 01. Porto: ACDR de Freixo de Numão, p. 62-95.
- BAPTISTA, A. M. e REIS, M. (no prelo): Prospecção de arte rupestre no Vale do Côa e Alto Douro português: ponto da situação. In BALBÍN BEHRMANN, R. e BAPTISTA, A.M. eds., *Actas do Curso de arte rupestre al aire libre. Investigación, protección, conservación y difusión*, Salamanca (2006).
- PALES, L. e TASSIN DE SAINT-PÉREUSE, M. (1976): *Les gravures de La Marche, II: Les humains*. Gap-Paris: Ophrys.

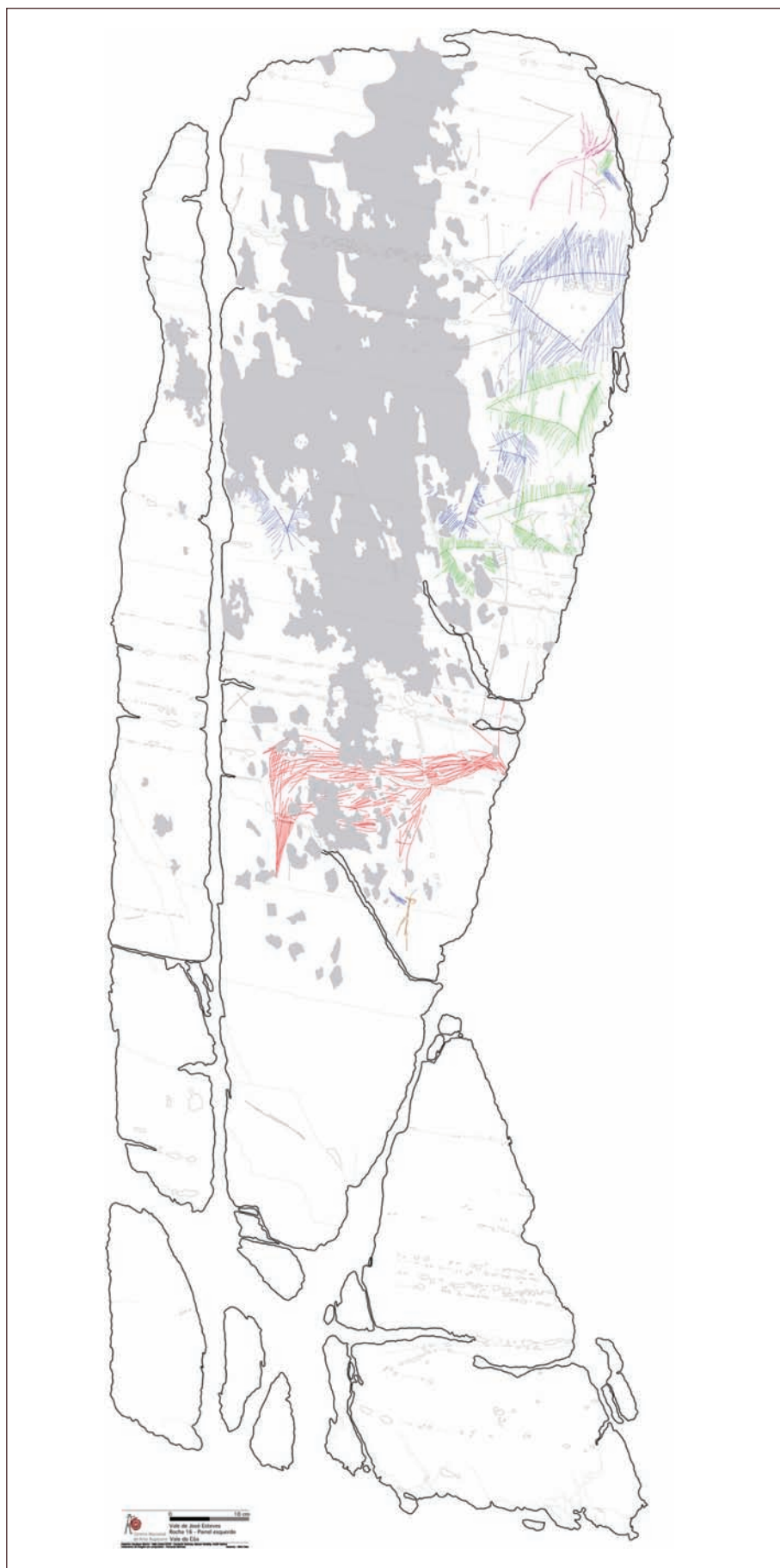


fig. 16 Painel esquerdo da rocha 16 do Vale de José Esteves. De notar os sinais triangulares do sector superior direito.

fig. 17 Sector direito do painel central da rocha 16. De registar a riqueza da sinalética linear-geométrica da parte superior do painel. Estas densas incisões dão continuidade aos sinais da figura anterior e prolongam-se para o painel central, formando como que um friso que ocupa grande parte da zona superior da rocha. Pertencem aparentemente às últimas fases de gravação desta rocha e são o melhor conjunto linear-geométrico conhecido no Vale do Côa, na fronteira entre a o tardi-magdalense e a arte azilense (epipaleolítica).



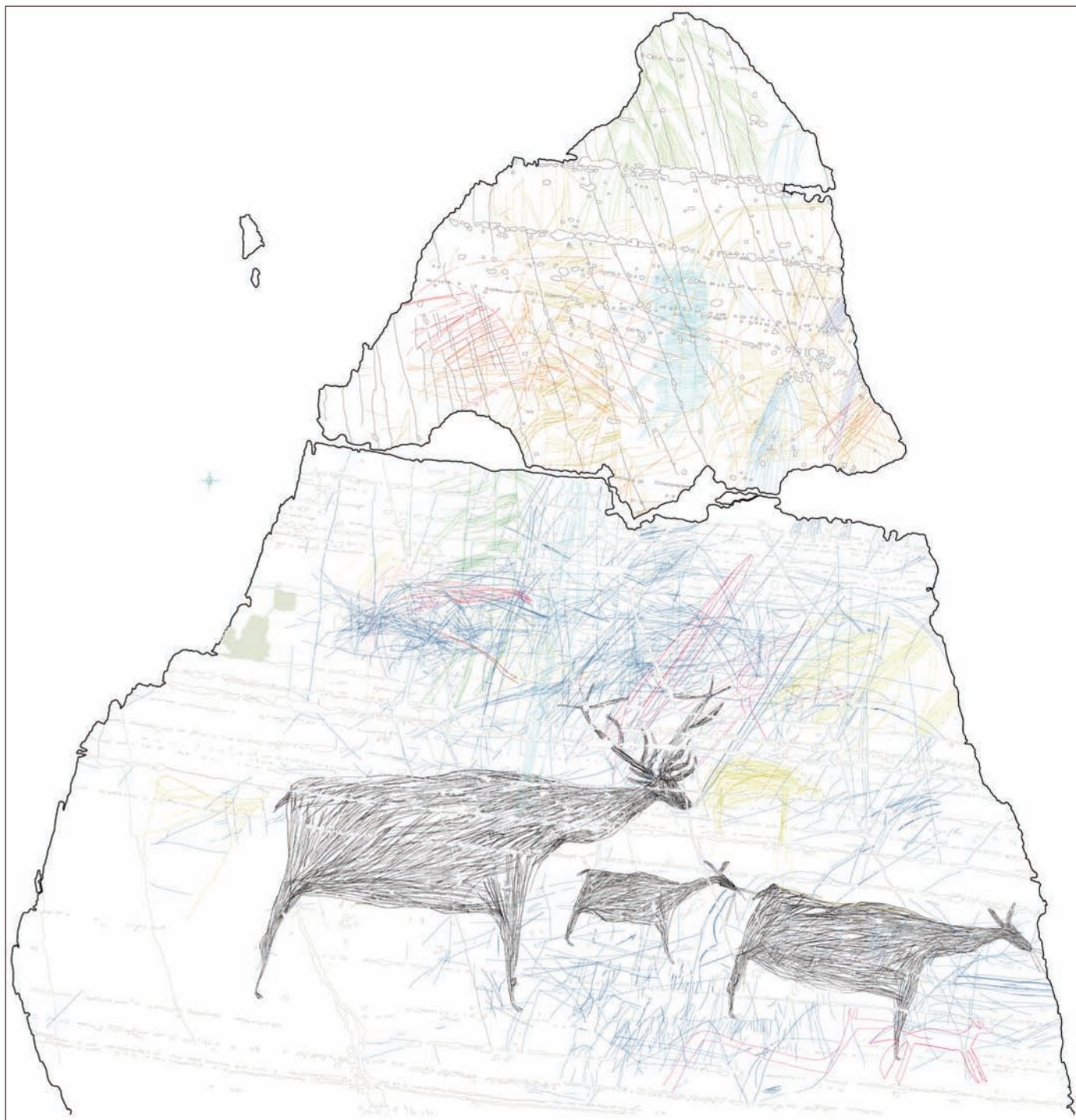


fig. 18 Sector central do painel central da rocha 16. É o painel mais ricamente gravado desta rocha, prolongando as incisões lineares-geométricas das duas figuras anteriores. Mas as representações mais destacadas deste sector são os três cervídeos ao centro do painel (neste desenho eliminámos a parte inferior), inteiramente preenchidos com traço múltiplo. De notar as duas figuras da Idade do Ferro na base à direita no desenho, uma situação comum em muitas outras rochas desta zona do Baixo Côa, onde gravuras deste tipo se sobrepõem à arte paleolítica e tardi-glaciár.



fig. 19 Painel direito da rocha 16. O capríneo à direita, figurado a verde, representa uma camurça, uma subespécie rara na Arte do Côa. De notar os pormenores estilísticos na forma de representação das crinas e de uma cervico-dorsal de uma cabra com pequenos traços múltiplos paralelos, aspectos que apresentaremos em pormenor nas imagens seguintes.



fig. 20 Capríneo do sector direito.



fig. 21 Cabeça de equídeo do sector direito.



fig. 22 Espécie não identificada. O interior em traço múltiplo poderá deixar entender alguma da hipotética evolução das formas para o linear-geométrico.

fig. 23 Signo pisciforme e cabra tardi-glacial sobreposta por um animal de corpo quadrangular, sem cabeça e com o pescoço afilado terminando em ponta, uma hipotética representação já epipaleolítica (?).



fig. 24 Fêmea de cervídeo do sector central (direita).



fig. 25 Pormenor da cabeça da figura anterior. Notar a técnica de preenchimento do traço múltiplo, conforme o descrito no texto. De notar também os traços rectos que saem da boca do animal.



fig. 26 Pormenor da fêmea de cervídeo de menores dimensões ao centro da composição (sector central).



fig. 27 Pormenor da cabeça do cervídeo macho, a maior figura do conjunto (sector central).



fig. 28 Pormenor da cabeça da cabra do painel direito (conf. fig. 20).





fig. 29 Pormenor da cabeça da cabra do sector inferior do painel central direito.